Antes do Amanhecer

Capítulo 1

Em uma noite fria, o prédio na área norte da cidade de DawnStar, sofreu um acidente causado por um vazamento de gás , no subsolo do edifício. Bartô Lefèvre recebeu um chamado de emergência enquanto dormia em sua casa a quilômetros de onde ocorria a tragédia. Chefe do corpo de bombeiros, Bartô comandava as missões de resgate e controle de fogo, a mais de 10 anos, tendo sempre maior cautela e agindo prontamente nesses casos.

Rapidamente saltou de sua cama e começou a arrumar-se para sair, despedindo-se de sua esposa e partindo para a ocorrência, sem saber que seria a última vez que a veria. Natalie que já estava tão acostumada com esses momentos de partida de seu esposo, procurou não se preocupar, afinal, era apenas mais um entre tantos que já haviam acontecido naquela cidade. No último momento, como se pressentisse o que aconteceria, Bartô disse apenas um adeus.

****

— Mas pai, eu só quero dar uma olhada! — dizia o garoto, quase implorando.

O policial irritado gesticulava para seu filho: — Você nem deveria estar aqui, então fique no carro.

Deixando seu filho para trás, seguiu em direção ao prédio em chamas, mas ficou a quilômetros de distância, onde se era seguro. Adrien Meunier tentava criar seus filhos da melhor maneira possível na ausência de sua esposa, que os havia abandonado a mais de 5 anos. Safira, sua filha mais velha, que havia seguido os passos do pai policial, o ajudava na criação de seu irmão mais novo Buck, de 16 anos. Auxiliando seu pai a demarcar a área de segurança com fitas amarelas, Safira notou que a população que ali morava começava a se aglomerar e indagar o que tinha acontecido. A medida que a rua se enchia de pessoas curiosas, o Corpo de Bombeiros se aproximava da situação. Tentando conter todas aquelas pessoas Adrien pedia para todos se acalmarem e se manterem para atrás da fita, mas apenas quando o Corpo de Bombeiros chegou, foi que

o grande grupo de pessoas se afastou, dando espaço para os profissionais passarem.

Impassivo, Bartô dava ordens aos seus subordinados, organizando a ação para controle de incêndio. Seus colegas o escutavam com maior atenção, não perdendo uma palavra do que se era dito. Em grupos de 4 começaram então a entrar no prédio, dividindo-se em cada área. Bartô sendo o último a entrar ficou com a parte leste do prédio, andando rápido e tentando achar sobreviventes em meio ao calor e fumaça, ouviu um grito desesperado de socorro, dirigindo-se ao local que o havia ouvido, se deparou com uma porta que pegava fogo e adentrou nas chamas ardentes

****

O telefone tocava, mas Natalie em sua cama em estado tão profundo do seu sono, não conseguia acordar e ir atrás do aparelho que insistia em chamar. Steve que, logo depois da saída de seu pai, acordou de um pesadelo e foi dormir na cama de seus pais, dormia em um sono leve, ao lado de sua

mãe. Após alguns minutos com o telefone tocando, Natalie acordou e o atendeu, desesperada com a notícia que acabara de receber, caiu em lágrimas, desabando.

Em um ato de desespero, gritou para Steve levantar e arrumar-se, saiu em disparada para a garagem e colocou algumas coisas necessárias dentro do carro, para uma viagem curta, rumo a casa de sua mãe. Já na estrada, Steve não entendia o que teria acontecido, sonolento não entendeu o porquê iria para a casa da vovó no meio do noite. Sem responder suas perguntas, Natalie atordoada, seguia a uma estrada lotada de árvores ao redor, sem outros carros na rua. Apenas seu carro, apenas seus pensamentos atordoados. Assim em uma distração, não viu o animal que passou em frente ao seu carro e acabou colidindo com uma árvore.

****

Cédric, nem ao menos sabia o que acontecia naquele momento, em seu trabalho noturno, não imaginava o que teria acontecido com sua família,

pensava em seus pais dormindo tranquilamente em casa e seu irmão mais novo em seu quarto, dormindo em sua cama e descansando. Sem a menor ideia de que sua vida teria sido destruída naquela noite mais fria do ano.

Capítulo 2

Despedaçado na árvore, estava o carro com Steve e sua mãe dentro em meio a cacos de vidros e pedaços de ferro retorcidos pela violenta batida, o menino que ficou atordoado e confuso com o que tinha acontecido, mas sem nenhum ferimento ou fratura aparente, começou a se esgueirar pelo que tinha sobrado do veículo no qual estavam, mas sua mãe que continuava no carro, tinha se ferido gravemente e a cada minuto que passava, sua vida se esvaia cada vez mais.

Por estar de noite e em meio a um matagal, o garoto não teve capacidade de notar a situação desesperadora em que Natalie se encontrava, perdido devido a batida, começou a caminhar em direção a floresta, na esperança de achar ajuda, fazendo então, com que um novo destino lhe fosse traçado.

Steve andava no meio das árvores, já cansado, esperava que alguém aparecesse e lhe prestasse socorro, a cada minuto que passava, arrependia-se

de ter deixado sua mãe no carro, resolveu então voltar, ver se ela já havia acordado. Andando rapidamente e já se aproximando do local onde havia a deixado, escutou sirenes e muitas pessoas falando, não conhecia ninguém ali, mas mesmo assim escutou alguém dizer claramente:

— Ela morreu antes de chegar ao hospital, devemos contatar a família imediatamente. O guincho buscará o carro logo — falava a voz rude de um homem que se encontrava ali, deveria ser um policial, supôs Steve.

Assustado com o que escutara correu sem parar e sem olhar para trás, as lágrimas em seus olhos escorriam, fazendo com que sua visão ficasse embaçada, mas mesmo com isso, ele corria, a dor em seu peito era maior do que a dor que sentia quando um galho batia em seus braços e rosto, não havia mais nada nesse mundo para ele e o garoto só queria sumir o mais rápido possível dali. Pisando em falso, acabou caindo e desabando no chão, não conseguia levantar, uma espécie de desespero tomou conta de seu corpo e ele só conseguia se manter ali, deitado e pensando naquelas palavras que acabara

de ouvir. Não se lembra o quanto tempo ficou ali deitado, mas a noite passou e o dia amanheceu aos poucos, trazendo uma luz fraca no meio dos galhos das muitas árvores que se encontravam ao seu redor.

Aos poucos, foi levantando e olhando em volta, o quanto correra na noite passada? Não conseguia reconhecer nada daquela parte da floresta, nem ao menos sabia em qual floresta estava, no início achou que estaria em uma perto da casa de sua avó, mas percebeu que sua mãe estava tão atordoada quando saiu de casa, que nem ao menos saberia se ela estava no caminho certo para a casa da vovó. Cansado e com dor, ficou sentado, analisando a bela imagem que as árvores formavam em cima de sua cabeça. Era um lugar bonito, mas a cada minuto que passava o desespero voltava a tomar conta do menino.

— Tem alguém ai? Você escutou esse barulho filho? — Steve escutou uma voz de um homem, um senhor mais velho.

— Escutando coisas de novo, pai? Não tem ninguém nessa floresta e você insiste nisso, já te disse que fadas não existem. — dessa vez, a voz vinha de um

homem mais novo. Steve se escondeu atrás de uma árvore.
— Eu escutei algo sim, quando vai parar de me tratar como um bebê Peter? — as vozes se aproximavam aos poucos, Steve torcia para ninguém o ver, estava com uma péssima aparência, não queria que chamassem a polícia e o levassem para casa, onde o caos parecia tomar conta do lugar.
— Walter por favor, não tem nada aqui...— antes que pudesse terminar a frase, Peter Gaunt avistou um garoto miúdo atrás de uma pequena árvore, a criança parecia assustada, estava com grandes arranhões na extensão dos braços e rosto. — Olá? Tudo bem, não vamos te machucar. — disse logo em seguida quando o garoto se encolheu ainda mais perto da árvore.

Naquele momento, Steve percebeu que sua voz não saia e que a vontade de conversar com esses dois homens que se aproximavam era miníma. Um senhor de cabelos brancos e sorriso gentil vinha em sua direção acompanhado de um homem alto de barba, com o olhar preocupado. Steve queria ficar sozinho, sem ninguém, apenas ele, só na floresta. O senhor parou de sorrir imediatamente quando viu o

sangue seco na roupa do garoto.
— Você está bem criança? — o senhor assumiu uma expressão totalmente preocupada em seu rosto. — Está ferido?

Steve queria responder, dizer-lhe que o sangue não era seu, e sim de sua mãe, que agora se encontrava morta e levada a algum lugar. Mas as palavras não saiam, um choque percorria em seu corpo toda vez que a palavra morta aparecia em sua mente. Morta. Não conseguia acreditar que ela poderia estar morta. Sua mãe tão doce, que todos os dias cantava ao preparar o café da manhã para ele, seu irmão e seu pai. Onde estaria agora se estivesse tudo bem? Pensava ele, uma manhã de um sábado ensolarado, talvez seu irmão conseguisse folga e fosse com eles a algum parque, jogar bola e se divertir com sua família. Sentia saudades de Cédric, mas não podia o procurar, como explicaria o que havia acontecido na noite anterior? O quanto ele queria vê-lo, era o quanto queria não vê-lo, para não ter que reviver todo o pesadelo mais uma vez.
— Ele é surdo? — Steve perdido em seus pensamentos, quase esquecera dos dois homens ali.

— Pelo amor de Deus, Walter! Ele só está assustado e você está o assustando ainda mais — disse o homem de barba.
— Você poderia me chamar de pai as vezes, sabia? Acho uma falta de respeito...
— Vamos parar de discutir na frente do garoto, antes que ele fique mais aterrorizado ainda com nós dois. — Steve sorriu de repente sem perceber, a cara de indignação do senhor mais velho para seu filho era engraçada.
— Vamos garoto, venha conosco, não ligaremos para a polícia, você pode tomar um banho e comer alguma coisa. Assim se sentirá melhor para contar o que aconteceu. — disse o homem alto.

Assim Steve um tanto afastado, acompanhou aqueles dois homens que pareciam discutir bastante sobre coisas irrelevantes quando se esqueciam que o garoto estava ali. Sem dizer uma palavra, os seguiu até uma casinha, onde as árvores a contornavam, fazendo com que parecesse encantada. Na porta de madeira da casa, havia uma menina, mais ou menos de usa idade, usava vestido e duas tranças, os esperava e sorria enquanto via eles chegarem,

olhando curiosa a Steve. E assim, por um breve momento Steve se sentiu seguro outra vez.

Capítulo 3

O chão de madeira rangia nos pés daqueles que entravam na casa, a simplicidade do local trazia um ar aconchegante, fazendo com que o garoto se sentisse acolhido, pelos lados se via bonecas espalhadas. Steve ainda sem falar com ninguém, observava com atenção. O desespero que sentia começara a desaparecer e aos poucos se sentia mais relaxado, mesmo com isso, a sua voz continuava a não sair.

— Olívia, leve nosso convidado até o banheiro — disse Walter, indicando um corredor atrás de uma bancada na cozinha. A garota fez um gesto indicando para Steve a segui-la e assim o fez.

Mesmo sendo simples a casa era bonita, mas o que fazia alguém a morar aqui? Steve pensava o que levara a família a se mudar para um lugar repleto de árvores, sem ninguém mais, no meio de uma estrada deserta que ficava a quilômetros de distância de qualquer mercado ou outro vizinho.

— O banheiro fica aqui, você pode se limpar. — a

menina o olhava com curiosidade — Você está bem?

Steve percebeu que a olhava com certa curiosidade também. — Tudo bem. — disse antes mesmo de perceber que sua voz saia. A doce menina sorriu e assim fez com que ele nem se lembrasse de seus próprios problemas. Mas apenas por um momento. A todo instante cenas de seu acidente na noite passada, vinham na mente, trazendo lembranças horríveis, que queria esquecer.

Entrou no banheiro rapidamente quando percebeu que começaria a chorar outra vez, não queria que vissem o chorando. Limpou-se e saiu no corredor vazio, escutava as vozes que vinham da cozinha agora, andando devagar, foi chegando mais perto aos poucos, queria saber o que falavam dele.

— ... não entendo o que teria acontecido, será que está fugindo? Viu o sangue? E se esse menino nos trouxer problemas Walter? — escutou a voz do homem mais novo, parecia mais preocupado do que quando encontrara Steve na floresta.

— Ele é só um garoto, filho, devemos ajuda-lo, ele está assustado... — Steve entrou antes que Walter pudesse terminar a frase. — Olá garoto, está com

fome? — sorriu gentilmente.

Na mesa da cozinha estavam aquela família, que lhe parecia talvez um pouco estranha. Olívia comia um pão enquanto escutava atentamente os dois homens mais velhos que se encontravam sentados também. Peter e Walter que pareciam discutir a todos os momentos, agora olhavam para Steve com certa pena, afinal o que teria acontecido ao menino?

— Eu... — começou a dizer o menino. — Eu... Meu nome é Steve Lefèvre.

— Nome bonito Steve, seus pais escolheram bem — ao mencionar a palavra "pais" Steve sentiu o estômago revirar. — Sente-se para comer um pão, deve estar com fome. — disse Peter, tentando sorrir.

Steve sentou-se ao lado de Olívia, que também sorria, queria tentar fazê-lo sentir-se melhor. Pegou um pão e começou a comer, não tinha percebido o quanto estava com fome até aquela hora. Aos poucos conseguiu trocar algumas palavras com Walter, que sorria e contava piadas, tentando fazer com que o garoto se sentisse confortável em meio ao estranho

clima que pairava sobre a casa.
— Steve... você precisa nos contar o que aconteceu, para que possamos te ajudar. — Peter agora assumia um expressão mais séria de quando ria das piadas de Walter. Olívia ouvia as palavras de seu pai atentamente. Não havia entendido o que aquele menino coberto de sangue nas roupas fazia ali na sua casa. Mas agora percebera que nem seu pai e nem seu avó estavam entendendo o que fazia com que o garoto estivesse tão assustado.
— Eu sofri um acidente com minha mãe ontem a noite. — os acontecimentos vieram em sua mente com mais força dessa vez, as palavras ecoaram pela cozinha e o silêncio tomou conta do lugar.

Capítulo 4

Cédric passava por um momento terrível de sua vida, enquanto trabalhava, recebeu a notícia do falecimento dos seus pais. Seu pai Bartô, havia morrido em um incêndio, enquanto sua mãe Natalie morrera em um acidente de carro. Não conseguia descrever o que havia sentido na hora que recebera a notícia, mas o desespero tomou conta quando não teve notícias de seu irmão mais novo Steve.

— Como você não sabe onde ele está? — Cédric quase gritava para o policial.

— Rapaz, por favor... — Adrien tentava explicar os fatos a 15 minutos, mas Cédric não ouvia nada das explicações que eram dadas.

— Desculpe, mas já lhe explicamos, seu irmão deve ter saído depois que aconteceu a batida, a um grupo de busca a sua procura, é fácil se perder naquela mata. — disse Safira que tentava amenizar a situação.

— Vocês precisam acha-lo, ele é só uma criança, deve estar assustado! — Cédric não saberia o que

faria se não encontrassem seu irmão.
— Nós vamos acha-lo. — disse Adrien, via a dor que aquele garoto sentia, precisava ajuda-lo.

Naquela tarde que se passava, o menino ainda não havia sido encontrado, grupo de policiais e até mesmo de pessoas voluntárias seguiam a sua procura, mas a noite foi chegando rápido demais e não podiam continuar naquela imensa escuridão que era a floresta ao anoitecer. A floresta onde se encontrava a casa da família Gaunt era imensa. Aquela família que havia se isolado de tudo e ido morar tão longe de todos, procurava esse lugar para que pudessem realmente se esconder do resto da sociedade. Walter Gaunt sofria de uma doença rara, via coisas, achava que eram reais, amava aquela floresta e achava que tinham criaturas fantásticas lá, e assim, para o bem de seu próprio pai, Peter decidiu levar Walter para lá, se mudou então com sua família para a grande floresta, isolados, para poderem desfrutar dos últimos anos que tinham com Walter, antes que a doença o vencesse, sem que outras pessoas dissessem que o certo era leva-lo a algum

hospital ou interna-lo em alguma clínica especializada. Peter não aguentava que o dissessem isso, principalmente para seu pai.

Três dias se passaram desde o acidente de Natalie e Steve. Os policiais ainda insistiam em procurar pelo garoto, mas a esperança estava acabando. Cédric não parava um minuto pela busca de seu irmão, mas o cansaço estava o desgastando cada vez mais.

****

— Pai, eu quero ajudar, eu preciso! — implorava Buck mais uma vez, enquanto se encostava no balcão da delegacia

— Tudo bem filho. — Adrien nem prestava atenção nas palavras do filho, estava com tantos problemas e casos no seu departamento, que desistira de discutir com o menino.

— Perai, o que? Você deixa mesmo? — sorria sem acreditar no que acabara de ouvir.

— Sim, mas vá com sua irmã, não quero que você seja o próximo a se perder naquela floresta. — assim

Adrien deixou seu filho e seguiu para poder terminar o serviço que estava fazendo.

Buck sem ainda acreditar que seu pai tinha mesmo o deixado ir, saiu em disparada para o carro com sua irmã, para irem juntos a procura de menininho que havia desaparecido, trazia consigo uma alegria de poder ajudar e prometeu para si mesmo que tentaria e faria o possível para achá-lo. Precisava que seu pai visse que era bom e que se tornaria um policial tão bom quanto ele. Desejava isso, queria que seu pai se sentisse orgulhoso e assim quando chegou a floresta, sem perder tempo, saiu pela busca, traçando um caminho pelas árvores. Tentava imaginar o que o garoto havia feito quando saiu do carro naquela noite. Pensava em si mesmo e se fosse ele, o que faria? Assim saiu correndo, deixando para trás o resto das pessoas que também procuravam, correu em linha reta, com sua irmã chamando atrás, mas não parou, apenas seguiu correndo durante uns 15 minutos, começando a alternar por caminhar e correr, já devia estar quase no centro da florestava, pensava. Olhando para trás viu então, que havia deixado o grupo dos outros

policiais muito para trás, havia corrido muito, sua irmã estaria furiosa, ele andara agora por muito tempo. Mas saberia voltar, sabia que os outros logo chegariam também, o seguindo naquela direção e foi assim que a avistou, uma pequena casinha de madeira no meio da floresta.

Capítulo 5

Naqueles três dias que haviam se passado, Steve havia gostado daquela família, percebera que ela era mais estranha do que ele tinha imaginado, mas era melhor que tinha pensado também. Walter era um senhor engraçado, contava histórias — que segundo ele, eram reais — fazia com que o garoto risse mesmo que triste, tirava o sorriso do menino todas as vezes que o via quieto demais. Olívia ensinara diversas brincadeiras diferentes a Steve e se mostrou muito meiga e amiga. Peter que havia deixado Steve ficar, teve dó do menino, a história do acidente parecia fazer o menino ter pesadelos acordado, não sabia o que fazer afinal, o menino se recusava a procurar a polícia ou a ir a algum hospital. Mas eles o entendiam, a situação de não querer ser levado era compreensível. Peter não sabe exatamente o porquê o deixou ficar, mas estava procurando ter algum momento que pudesse ir atrás de pessoas que ajudassem Steve a encontrar outros familiares.

Naquela manhã do terceiro dia de Steve com a família Gaunt, Peter decidiu que procuraria a polícia, sabia que havia pessoas que o procuravam, seu irmão devia estar desesperado e não podia deixar o menino viver ali, seria preso por esconde-lo.

Assim acordou mais cedo, tomou café da manhã e enquanto seu pai, sua filha e Steve dormiam, saiu em direção a floresta. Mas ao sair se deparou com um rapaz, parado o olhando para a casa, logo desviando o olhar e parando em Peter.

— Olá. — disse o menino, Buck não sabia o que dizer, afinal, não tinha tanta certeza que encontraria mesmo algo. — Eu procuro um criança, um menino, achamos que ele se perdeu na floresta a três dias atrás. O senhor o viu?

— Seu nome é Cédric? — Peter não achava que viriam até a casa, esperava poder contar algo diferente da história se fosse até alguma delegacia, diria que havia o encontrado a apenas um dia, assim não o acusariam de nada.

— Não, mas estou com o grupo de busca que procura Steve Lefèvre. — disse Buck, agora ansioso para que o homem lhe dissesse algo sobre Steve e ele pudesse

dizer quando visse o pai, que era ele que havia encontrado o menino.

Aos poucos, outros policiais começaram a se aproximar e Buck viu Safira vir em sua direção frenética.

— Buck eu vou matar você! — mas vendo a casa pareceu congelar. — Como foi que você...

Peter estava parado, tinha medo de que todos aqueles policiais assustassem Steve se ele acordasse, tinha medo de seu pai surtar vendo tanta gente em volta de sua casa. estava paralisado ali.

— Vocês o encontraram? Por que paravam? Alguém pode me dizer onde está meu irmão? — Cédric vinha fazendo perguntas atrás de outras, quando viu que todos paravam em volta da casa.

— Ele está lá dentro. — disse Peter — Mas está assustado, tentamos fazê-lo contar o que tinha acontecido todos esses dias, foi muito difícil para ele falar.

Assim Peter contou a história a um policial, enquanto Cédric entrara na casa e acordava seu irmão. A emoção que sentiu ao ver seu irmão dormindo tranquilo no quarto, era imensa, de um

modo o alívio tomou conta de si. Steve que acordou com aquela voz familiar, abriu os olhos e se deparou com seu irmão ali e derramando lágrimas de felicidade o abraçou. Se sentindo em muito tempo feliz e seguro outra vez.

Steve contou aos policiais que a família que o acolhera não tivera culpa de não terem contatado a polícia antes, ele estava assustado demais e não quisera que isso acontecesse. Cédric não quis denunciar a família também, se sentia agradecido por terem cuidado tão bem de seu irmão e o protegido em um momento vulnerável. Assim de um jeito estranho viraram amigos. Olívia brincava com Steve, enquanto Peter e Cédric buscavam encontrar maneiras de tratamento em possíveis hospitais próximos para a doença de Walter.

Buck estava feliz por seu feito, a história de que encontrava a criança desaparecida se espalhou. Adrien sentia um orgulho imenso pelo filho, o medo que sentia de Buck se envolver demais em seus casos passara e assim trouxe seu filho mais próximo, o ajudando a se tornar um policial melhor que si mesmo.

Assim, as famílias Gaunt, Lefévre e Meunier se tornaram próximas, fazendo com que a grande tragédia que não foi esquecida mesmo depois de muito tempo, trouxesse um destino que não puderam prever, mas que ainda sim, os fizera pessoas diferentes para sempre.

FIM